



ISSN: 2595-1661

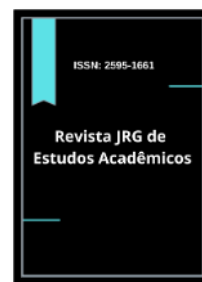
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portal.periodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Da solidão ao extremismo: análise fenomenológica existencial do isolamento social na adolescência

From loneliness to extremism: an existential phenomenological analysis of social isolation in adolescence

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2491

ARK: 57118/JRG.v8i19.2491

Recebido: 03/10/2025 | Aceito: 05/10/2025 | Publicado on-line: 08/10/2025

Tales Paulino Guimarães de Sales¹

<https://orcid.org/0009-0008-9367-7518>

<http://lattes.cnpq.br/1083358378984775>

Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe, CE, Brasil

E-mail: talespaulino10@gmail.com

Maria Clara da Silva Lima²

<https://orcid.org/0009-0001-5478-0626>

<http://lattes.cnpq.br/000000000000000000>

Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe, CE, Brasil

E-mail: mariaclarasilva2025@gmail.com

Larissa Raiane Lima Costa³

<https://orcid.org/0009-0001-1342-2179>

<http://lattes.cnpq.br/0301260156414496>

Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe, CE, Brasil

E-mail: larissaraiane617@gmail.com

Rodolfo de Melo Nunes⁴

<https://orcid.org/0009-0005-7330-4632>

<http://lattes.cnpq.br/4154148778084155>

Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil

E-mail: rodolfo_k6@yahoo.com.br

Lucas Wagner Brígido Feitosa⁵

<https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

<http://lattes.cnpq.br/3944702690009498>

Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe, CE, Brasil

E-mail: lucaswagnerbrigidofeitosa@gmail.com



Resumo

Introdução: As redes sociais transformaram as interações adolescentes, promovendo a criação de personas virtuais que atendem à necessidade de pertencimento, mas também geram desafios como isolamento e ofensas online. A adolescência, marcada pela tendência grupal, intensifica a busca por identidade e autotranscendência, conforme a logoterapia de Frankl. **Objetivo:** Analisar como as redes sociais impactam a sociabilidade adolescente, considerando o vazio existencial e a radicalização.

¹ Graduando(a) em psicologia pelo Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe.

² Graduando(a) em psicologia pelo Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe.

³ Graduando(a) em psicologia pelo Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe.

⁴ Graduado em Farmácia, possui mestrado e doutorado em Ciências Médicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁵ Graduado em psicologia, possui mestrado em Psicologia. Professor do Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe.

Metodologia: Revisão bibliográfica com base em obras de Frankl, Freud, e outros, além de 18 artigos de repositórios como SciELO e PePSIC, e matérias jornalísticas, estruturada em três eixos: tecnologia e comunicação, pandemia e radicalização. **Resultados:** As redes sociais promovem sociabilidade controlada, mas favorecem relações Eu-Isso, isolamento e extremismos, amplificados pela pandemia. A tendência grupal, associada ao vazio existencial, aumenta a suscetibilidade à radicalização. **Conclusão:** As redes sociais intensificam o isolamento e o risco de neuroses de massa, exigindo a promoção de responsabilidade e sentido existencial para mitigar a radicalização.

Palavras-chave: Adolescência, Redes Sociais, Vazio Existencial, Radicalização.

Abstract

Introduction: Social media has transformed adolescent interactions, fostering the creation of virtual personas that meet the need for belonging but also pose challenges such as isolation and online harassment. Adolescence, characterized by group tendencies, intensifies the search for identity and self-transcendence, as per Frankl's logotherapy. Objective: To analyze how social media impacts adolescent sociability, considering existential emptiness and radicalization. Methodology: A literature review based on works by Frankl, Freud, and others, alongside 18 articles from repositories like SciELO and PePSIC, and journalistic sources, structured around three axes: technology and communication, the pandemic, and radicalization. Results: Social media promotes controlled sociability but fosters I-It relationships, isolation, and extremism, amplified by the pandemic. The group tendency, linked to existential emptiness, increases susceptibility to radicalization. Conclusion: Social media intensifies isolation and the risk of mass neuroses, necessitating the promotion of responsibility and existential meaning to mitigate radicalization.

Keywords: Adolescence, Social Media, Existential Emptiness, Radicalization.

1. Introdução

Durante o desenvolvimento sociocultural da humanidade, as formas de relacionamento e interação com o outro evoluíram, influenciando diretamente a percepção do que se considera um vínculo real. Na contemporaneidade, as redes sociais transformaram significativamente a comunicação, especialmente no contexto relacional dos adolescentes, ao oferecerem flexibilidade na interação e a criação de uma persona virtual menos suscetível às frustrações da vida real (KARNAL, 2018).

Uma pesquisa conduzida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) revelou que, no Brasil, 83% das crianças e adolescentes que utilizam a internet possuem perfis em redes sociais voltadas para comunicação e interatividade. Dentre esses, 29% dos jovens de 9 a 17 anos relataram ter enfrentado situações de desconforto ou ofensas online, sendo que 13% desse grupo não compartilharam essas experiências com ninguém (G1, 2024).

Nesse contexto, a construção de uma persona virtual nas redes sociais emerge como uma alternativa ilusória, mas aparentemente segura, para atender à necessidade de pertencimento do adolescente contemporâneo. A adolescência é marcada pela tendência grupal, um fenômeno em que o jovem, em processo de formação de identidade, busca integrar-se a grupos que proporcionem segurança,

compreensão e aceitação — elementos que, por vezes, não encontram no ambiente familiar (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Conforme o psiquiatra Viktor E. Frankl, criador da logoterapia — abordagem terapêutica centrada no sentido da vida —, o ser humano é autotranscendente por natureza, buscando constantemente ir além de si mesmo por meio de conexões externas e da construção de sentido em suas vivências relacionais, criações e atitudes transcendentais (SANTOS; COELHO; SOUZA, 2024). Assim, a adolescência destaca-se como um período de intensa autotranscendência, uma vez que a formação da personalidade e da autonomia intensifica o contato com o mundo exterior, como observado na tendência grupal (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Entretanto, quando o cultivo de conexões interpessoais é dificultado e o processo de autotranscendência é frustrado, surge o risco de um vazio existencial. Esse vazio pode manifestar-se por meio da tríade do vazio — caracterizada por agressividade, drogadição e suicídio —, sendo a agressividade particularmente relevante no processo de radicalização ideológica de adolescentes em estado de vazio existencial (LEAL, 2019).

2. Metodologia

O presente estudo adota como metodologia primária a revisão bibliográfica, caracterizada pelo uso de materiais como livros, artigos publicados em periódicos, fontes disponíveis em bancos de dados digitais e matérias jornalísticas para embasamento contextual (BATISTA; KUMADA, 2021).

Como material bibliográfico principal, foram utilizadas obras de Viktor E. Frankl, Aberastury e Knobel, e Sigmund Freud. Como referências complementares, incluíram-se as obras *O Dilema do Porco-Espinho: Como Encarar a Solidão*, de Leandro Karnal, *Frustração*, de Adriana Fóz, e *Informar Não é Comunicar*, de Dominique Wolton.

No que tange ao referencial teórico e técnico, foram selecionados 18 artigos científicos publicados em repositórios institucionais, revistas de acesso aberto e bibliotecas eletrônicas. A pesquisa abrangeu trabalhos disponíveis na Scientific Electronic Library Online (SciELO), na Rede Latino-Americana de Periódicos de Psicologia (PePSIC), no ResearchGate, no Portal de Periódicos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Portal de Periódicos da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PANTHEON), no Repositório Digital da Universidade Estadual da Paraíba e no Repositório Institucional da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Além disso, foram consultadas revistas científicas, como *Revista Pluralidades em Saúde Mental* (PSICOFAR), *Revista Intuitio*, *Revista CIVITAS de Ciências Sociais*, *Revista Filosofia Capital*, *Revista Interface Tecnológica*, *Revista Paulista de Pediatria* e *Cadernos da Escola do Legislativo*. Para embasamento estatístico sobre o uso de redes sociais por adolescentes, foi utilizada uma matéria jornalística publicada pelo portal G1, da Rede Globo.

Os critérios de exclusão abrangeram artigos e trabalhos publicados em idiomas diferentes de português ou inglês, aqueles sem correlação com a temática proposta, obras que divergissem dos fundamentos da psicologia e da filosofia existencialista, além de pesquisas não disponíveis gratuitamente em sua versão completa.

Os critérios de inclusão priorizaram trabalhos publicados em português ou inglês com correlação às abordagens fenomenológico-existenciais e à conceituação psicanalítica associada ao fenômeno da tendência grupal.

O estudo foi estruturado em três eixos temáticos principais, voltados à contextualização e conceituação teórica dos fenômenos relacionais, dialógicos, existenciais e afetivos do adolescente. Esses eixos abordam: (1) a tecnologia e o rompimento da comunicação existencial face a face; (2) a comunicação na contemporaneidade e a pandemia de COVID-19; e (3) o desenvolvimento da sociabilidade e o processo de radicalização.

3. Resultados e Discussão

A Tecnologia e rompimento da comunicação existencial do face a face.

Para compreender as implicações da solidão e da ausência de comunicação no desenvolvimento humano, é fundamental analisar a noção de comunicação como um aspecto simbólico-cultural intrínseco à espécie humana. Segundo Suzart (2024), o processo comunicativo humano transcende a mera troca de informações, estabelecendo vínculos, ideias e uma comunhão grupal que orienta o sujeito em sua trajetória existencial.

Para Wolton (2010), a comunicação é inerente à condição humana, sendo indispensável tanto na esfera individual quanto na coletiva, expressa por uma vontade implícita ou explícita de interação. Nesse sentido, a comunicação caracteriza-se por uma intencionalidade linguística que se manifesta em três vontades universais: compartilhar, convencer e seduzir.

O filósofo existencialista Kierkegaard atribui à comunicação um caráter indireto e subjetivo, indo além da expressão objetiva das vontades humanas. Para ele, a comunicação estabelece um vínculo duplamente subjetivo, no qual o emissor, ao formular uma mensagem, considera a perspectiva do receptor, promovendo uma maleabilidade comunicacional (ROSSATTI, 2011). Kierkegaard diferencia a comunicação objetiva, típica do discurso técnico-científico e voltada à validade universal, da comunicação indireta, que, por seu caráter subjetivo, fomenta a transformação humana por meio do diálogo entre sujeitos. Esse diálogo carrega símbolos culturais elaborados pelo emissor, transformados por suas experiências e vivências, e está sujeito a interpretações ambíguas pelo receptor (MISSAGGIA, 2015).

No âmbito da comunicação como expressão existencial, destaca-se a noção dialógica de Martin Buber (1878-1965), desenvolvida em sua obra *Eu e Tu*. Buber propõe dois modos fundamentais de relação humana: a relação Eu-Tu, marcada por um encontro genuíno com o outro, e a relação Eu-Isso, que reduz o outro a um objeto. O filósofo critica a tendência moderna de coisificação nas relações humanas, em que o diálogo é transformado em um meio para um fim, caracterizando a relação Eu-Isso (SANTOS et al., 2024).

Zandona (2015) observa que as redes sociais alteraram as formas de comunicação e interação, permitindo vínculos assíncronos que dispensam o encontro face a face. Para Buber, esse encontro é essencial para a relação dialógica Eu-Tu, enquanto a ausência dele favorece a objetificação característica da relação Eu-Isso. A comunicação mediada por redes sociais carece de elementos presentes no diálogo presencial, como entonação, pausas, escolha de palavras, gesticulação e contato visual, que enriquecem a interpretação da mensagem (ZANDONA, 2015).

O anonimato e a privacidade são aspectos centrais na comunicação mediada por computador. Os avanços tecnológicos nas redes sociais têm promovido a interferência, recombinação e reapropriação de informações, criando uma nova linguagem comunicativa (ZANDONA, 2015). Contudo, o filósofo brasileiro Leandro

Karnal (2018) argumenta que a comunicação virtual oferece liberdade para bloquear, fantasiar ou insultar, mas questiona se essa suposta libertação da solidão resulta em maior isolamento. Ele introduz o conceito de sociabilidade controlada, destacando o paradoxo contemporâneo: “Vencemos a solidão ou ficamos mais sozinhos em meio às redes sociais?”. Para o adolescente, as redes criam uma ilusão de controle sobre relações interpessoais, influenciada pela tendência grupal característica dessa fase.

As redes sociais, por meio de algoritmos, minimizam o contato com o diferente, a dor ou a anormalidade, criando um ambiente aparentemente mais agradável para o usuário. Esse mecanismo permite ao jovem contemporâneo uma inclusão social sem conflitos aparentes, mas promove uma rigidez diante da alteridade, ao confinar o usuário em uma bolha de isolamento (KARNAL, 2018). Apesar de os algoritmos facilitarem a expressão individual e a entrega de conteúdos personalizados, eles também podem contribuir para processos adoecedores. Vieira (2021) aponta o risco de rompimento de vínculos reais, a autocomparação e a fragmentação da autoestima, decorrentes da construção de uma imagem idealizada de sucesso financeiro, afetivo e estético no ambiente virtual.

Fóz (2019) destaca que as redes sociais podem incentivar posturas extremistas e violências virtuais, como o cyberbullying, reforçadas por uma ilusória sensação de impunidade. A ausência do contato face a face transforma o receptor em um objeto (relação Eu-Isso), intensificando a solidão e comprometendo as características relacionais do adolescente (ZANDONA, 2015).

A comunicação no contemporâneo e a pandemia do COVID-19.

Os primórdios da comunicação em rede no Brasil caracterizavam-se pela unidirecionalidade e pela temporalidade, promovendo um padrão solitário de comportamento devido à ausência de interação direta entre remetente e destinatário. Com o avanço das tecnologias, a interação online tornou-se realidade, consolidando o conceito de “tribagem” proposto por Musso (2025). Segundo o autor, as “tribos” são comunidades unidas por interesses específicos, marcadas por forte envolvimento emocional e pessoal em torno de um tema.

Um marco significativo nas formas de comunicação contemporânea ocorreu durante a pandemia de COVID-19, período que transformou exponencialmente as interações sociais, especialmente entre adolescentes, um dos públicos mais impactados em suas dinâmicas relacionais (SILVA; FERNANDES; CARRANO, 2024). O isolamento social gerou agravamentos psicossociais, como ansiedade decorrente da restrição social e preocupações com o sustento econômico (PEREZ; VOMARO, 2023).

O contexto pandêmico, contudo, foi influenciado pelas diferenças de classe social. Jovens sem dificuldades econômicas relataram preocupações com a mudança nos padrões de sociabilidade, enquanto aqueles em situações de vulnerabilidade socioeconômica priorizavam questões como oportunidades de trabalho, mesmo durante o agravamento da pandemia (PEREZ; VOMARO, 2023). Apesar dessas diferenças, ambos os grupos compartilhavam inquietações sobre a interação social.

O isolamento social coincidiu com a expansão da hiperconectividade global, ainda que desigual entre os países. As redes sociais intensificaram a espetacularização do “eu”, com a construção de uma persona virtual baseada em expectativas sociais, em busca de reconhecimento midiático (COSTA, 2023). Contudo, a sociabilidade nas redes depende da forma como essa persona é apresentada, criando um ambiente virtual onde o Self autêntico raramente é exposto

(DESLANDES; COUTINHO, 2020).

Na perspectiva fenomenológica, o Self é o espaço onde o sujeito organiza sua percepção e consciência de si mesmo, integrando demandas internas e externas, como valores socioculturais. O choque entre esses âmbitos pode distorcer a percepção do Self, um efeito potencializado nas interações sociais e simbólicas, incluindo as conexões estabelecidas por meio das redes sociais (GUIMARÃES; NETO, 2017).

Durante a pandemia, a conectividade nas redes sociais tornou-se uma alternativa atrativa para a conexão humana. Contudo, para adolescentes, cuja autoestima depende da aceitação de sua persona, o ambiente midiático aumenta a vulnerabilidade ao isolamento social, já que expressar o Self autêntico pode levar à exclusão (DESLANDES; COUTINHO, 2020). O crescimento exponencial de usuários nas redes durante o período pandêmico evidenciou a necessidade humana de convívio social. Segundo Bezerra e Gibertoni (2021), a sociabilidade é uma característica inerente ao ser humano, o que explica o senso de comunidade e pertencimento nas plataformas digitais.

No entanto, o avanço das tecnologias e das redes sociais trouxe desafios, como a ameaça à autenticidade das informações, conforme apontado por Musso (2025). A circulação de desinformação é amplificada pelo engajamento emocional e comportamental coletivo nas plataformas digitais, resultante da contraposição entre a complexidade de divulgar informações verdadeiras e a rapidez da disseminação de conteúdos não verificados (BLOTTA; BUCCI, 2025). Para adolescentes em processo de construção identitária — marcado por crises, fragmentações e busca de sentido —, esse cenário é agravado pela influência da globalização, que amplia as redes de comunicação e favorece aproximações midiáticas (GUIDA et al., 2024).

A lógica midiática e de entretenimento predominante nas redes sociais impacta diretamente a formação da personalidade do adolescente nos âmbitos biológico, psicológico e social. Esse impacto é intensificado pela identidade coletiva, uma das principais formas de identificação na adolescência, que define e diferencia os grupos na sociedade (GUIDA et al., 2024).

O desenvolvimento da sociabilidade e o processo de radicalização.

De acordo com Aberastury e Knobel (1981), um dos marcos da adolescência é a tendência grupal, fase em que o adolescente questiona a dependência afetiva familiar e busca emancipação por meio da identificação com grupos que favorecem seu amadurecimento social. Esse processo assemelha-se à auto-transcendência descrita por Frankl, que envolve ir além de si mesmo para encontrar sentido nas relações e criações.

Não obstante, é relevante destacar, no âmbito desta pesquisa, que a identificação é considerada por Freud (1921/2011) a “mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa”. Esse mecanismo configura o Eu à imagem de um modelo, podendo envolver, em termos metapsicológicos — ou seja, a teorização freudiana baseada na clínica —, uma anulação das alteridades, tanto entre grupos quanto dentro deles e no próprio sujeito. Afinal, não há oposição entre psicologia individual e social, e o Eu não é uma mônada: ele incorpora uma alteridade interna, com elementos inconscientes em jogo.

Além disso, Freud (1921/2011) enfatiza que a massa é impulsiva, volúvel e excitável, intensificando afetos e inibindo o pensamento. Assim, a identificação de um adolescente com uma “tribo” nem sempre promove emancipação. Há um

desconhecimento inerente nesse processo, o que levanta uma questão central: até que ponto essa identificação com grupos facilita a emancipação e a auto-transcendência, se, por vezes, anula a diferença? O processo emancipatório do adolescente é, portanto, incompleto, mas representa uma tentativa de saída rumo à auto-transcendência.

A auto-transcendência, como característica inerente ao ser humano, permite que os indivíduos se distanciem de si mesmos, encontrando sentido na utilidade para o outro ou na criação de algo maior. Esse afastamento amplia a perspectiva existencial do sujeito (SANTOS; COELHO; SOUZA, 2024). Quando fracassado, gera frustração na busca por sentido e vazio existencial, que compromete as relações transcendentais com o outro (FRANKL, 2016).

O vazio existencial manifesta-se por meio de sua tríade formadora: drogadição, suicídio e agressividade, com ênfase na última para este estudo (LEAL, 2019). Segundo Frankl (2016), a agressividade, sintoma do vazio existencial, revela-se nas relações interpessoais e está associada ao gênero masculino, devido à construção histórico-cultural da violência como traço da masculinidade. Ao combinar essa suscetibilidade à agressividade com a tendência grupal da adolescência, surge a propensão de identificação com grupos que expressam ideologia por meio do discurso de ódio.

A busca por grupos identitários, como forma de personificação individual e coletiva, torna o adolescente exposto ao discurso de ódio mais suscetível às neuroses de massa (FRANKL, 2016). Na logoterapia, essas neuroses caracterizam-se por fatalismo, atitude existencial provisória, coletivismo e fanatismo. O fatalismo envolve a aceitação patológica do destino, afastando a busca por sentido; a atitude existencial provisória refere-se a viver apenas o presente, sem objetivos futuros ou consideração de consequências, levando ao coletivismo (FRANKL, 2016).

O coletivismo, consequência do vazio existencial nas neuroses de massa, associa-se à despersonalização e à culpabilização do coletivo para justificar atitudes extremistas, isentando o sujeito de responsabilidade. Sua evolução culmina no fanatismo, onde a individualidade desaparece, o coletivo domina o ser e o sujeito adota comportamentos radicalizados, intolerantes à alteridade (FRANKL, 2016).

Ao analisar o coletivismo como traço do vazio existencial, é essencial considerar a perspectiva de Bauman sobre a homogeneização das experiências na modernidade. Para o autor, o indivíduo contemporâneo tende a se vincular a grupos e sujeitos com interesses e visões semelhantes, reduzindo a tolerância à alteridade. Isso gera um desaprendizado da convivência com o diferente, intensificando a uniformidade e o conformismo social (CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

A aproximação ao fanatismo e ao coletivismo, conforme Frankl, representa um afastamento do encontro com o sentido da vida e uma negação — ainda que reprimida — dos pilares da existência humana: a vontade de sentido, a liberdade da vontade e a busca pelo sentido. Esses elementos estão ligados à responsabilidade pelos próprios atos (CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

Frankl desenvolve a noção de uma dimensão espiritual que distingue a consciência humana, integrando liberdade e responsabilidade como componentes de uma consciência moral essencial ao encontro de sentido. Essa consciência permite ao sujeito decidir-se livremente diante de condicionantes psíquicos e do vazio existencial (ROSA; PULINO, 2020).

4. Conclusão

A presente pesquisa identificou as transformações socioculturais e simbólicas da comunicação ao longo da história humana, com impactos significativos no campo fenomenológico e dialógico. Essas mudanças alteraram as formas de relacionamento com o outro, especialmente pela consolidação de interações assíncronas que, sob a perspectiva existencialista, rompem com o encontro face a face.

É inegável que a evolução dos meios de comunicação de massa, como as redes sociais, está intrinsecamente ligada a essas transformações dialógicas. Para os adolescentes, as redes proporcionam uma ilusória sensação de segurança e uma falsa percepção de liberdade irrestrita, facilitando a identificação com grupos sociais que reforçam sua identidade. Contudo, esse ambiente virtual pode dificultar a criação e manutenção de vínculos afetivos fora do espaço online, resultando em isolamento e maior exposição à solidão.

Destaca-se a relação entre o isolamento social na adolescência e o vazio existencial, que torna o jovem vulnerável às neuroses de massa. Essas condições favorecem a radicalização do pensamento e a perpetuação de ciclos de ódio, amplificados pela tendência grupal característica dessa fase.

Portanto, é essencial ressaltar a conexão entre o vazio existencial e as neuroses de massa, caracterizadas pelo afastamento da dimensão da potencialidade humana, fundamentada no tripé da vontade de sentido, da liberdade da vontade e da busca pelo sentido da vida. Esses pilares pressupõem a responsabilidade do sujeito por seus atos, um elemento central para contrapor os processos de radicalização e promover uma existência mais autêntica e conectada.

Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- BLOTTA, V.; BUCCI, E. Desinformação, democracia e regulação. **Estudos Avançados**, v. 39, n. 113, p. e39113257, 2025.
- COSTA, M. L. **Influenciadores digitais**: espetacularização da vida privada no Instagram. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- DESLANDES, S.F; COUTINHO. T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da covid-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2479–2486, jun. 2020.
- FÓZ, A. **Frustração**. São Paulo: Benvirá, 2019.
- FRANKL, V. E. **Teoria e terapia das neuroses**: introdução à logoterapia e à análise existencial. São Paulo: É Realizações, 2016.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. **Obras completas volume 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Obra original publicada em 1921.
- GOMES, R. D. C.; DE CARVALHO, M. C. N.; DA SILVA, M. H. B. A liberdade da vontade diante dos fatores sociológicos: uma aproximação entre as teorias de Viktor Frankl e Zygmunt Bauman. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, Brasil, v. 9, n. 2, p. 34–47, 2021. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/321>. Acesso em: 3 out. 2025.

- GUIMARAES, A. P. M.; SILVA NETO, M. C. A formação do self e a dependência afetiva: uma revisão bibliográfica da abordagem centrada na pessoa. **Revista NUFEN**, Belém, v. 7, n. 2, p. 48-77, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 out. 2025.
- GUIDA, S. L. A. G.; RIBEIRO, S. L. S.; de SOUZA, M. T. S.; MONTEIRO, P. O. Construção de identidade na adolescência: dilemas individuais e sociais. **Saberes — Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, v. 24, n. 1, jan. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Patricia-Monteiro-14/publication/382935547_CONSTRUCAO_DE_IDENTIDADE_NA_ADOLESCENCIA_DILEMAS_INDIVIDUAIS_E_SOCIAIS/links/683a361cdf0e3f544f5c04f0/CONSTRUCAO-DE-IDENTIDADE-NA-ADOLESCENCIA-DILEMAS-INDIVIDUAIS-E-SOCIAIS.pdf. Acesso em: 4 out. 2025.
- KARNAL, L. **O dilema do porco-espinho**: como encarar a solidão. São Paulo: Planeta, 2018.
- LEAL, L. A. A. **A presença ignorada de si**: agressividade, inautenticidade e vazio existencial na construção da masculinidade. 2019. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.
- MISSAGGIA, J. As origens existencialistas de Heidegger: a influência da teoria kierkegaardiana da comunicação indireta. **Intuitio**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 04–14, 2015. DOI: 10.15448/1983-4012.2015.2.22595. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/intuitio/article/view/22595>. Acesso em: 3 out. 2025.
- MUSSO, D. R. Anonimato digital e fake news: limites à liberdade de expressão na proteção dos direitos fundamentais. **Cadernos da Escola do Legislativo**, [S. l.], v. 27, n. 47, p. 1–23, 2025. DOI: 10.62551/2595-4539.2025.530. Disponível em: <https://cadernosdolegislativo.almg.gov.br/cadernos-ele/article/view/530>. Acesso em: 4 out. 2025.
- PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 23, p. e43706, 2023.
- ROSSATTI, G. G. Como narrar o que se passa na interioridade? Ou Kierkegaard e o problema da comunicação indireta. **Revista Filosofia Capital**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 125–136, 2011. Disponível em: <https://filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/193>. Acesso em: 3 out. 2025.
- ROSA, G. M. O.; PULINO, L. H. C. Z. O humano em Søren Kierkegaard e em Viktor Frankl. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [S. l.], v. 37, 2020. DOI: 10.35699/1676-1669.2020.6877. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6877>. Acesso em: 3 out. 2025.
- SANTOS, A. S. S. dos; COELHO, M. L. da S.; SOUZA, T. R. P. de. **Educação como instrumento de realização de sentido**: à luz da Logoterapia e Análise Existencial em O Primeiro da Classe. Universidade Católica do Salvador – UCSal, 14 dez. 2024. Disponível em: <https://ri.ucsal.br/handle/123456789/5357>. Acesso em: 27 maio 2025.

- SILVA, I. D. O. E.; FERNANDES, M. L. B.; CARRANO, P. C. R. O que crianças e adolescentes fizeram daquilo que a pandemia fez com eles e elas? **Educação em Revista**, v. 40, p. e45378, 2024. Acesso em: 27 maio 2025.
- SILVA, V. H. 83% das crianças e adolescentes que usam internet no Brasil têm contas em redes sociais, diz pesquisa. **G1**, 23 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/10/23/83percent-das-criancas-e-adolescentes-que-usam-internet-no-brasil-tem-contas-em-redes-sociais-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 3 out. 2025.
- SUZART, G. A comunicação humana: relevância, relações e reflexões na sociedade contemporânea. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 21, 4 abr. 2024.
- SANDRINI BEZERRA, L.; GIBERTONI, D. As mídias sociais durante a pandemia do COVID-19: análise comportamental dos usuários durante este período e as possibilidades para o futuro. **Revista Interface Tecnológica**, Taquaritinga, SP, v. 18, n. 2, p. 144–156, 2021. DOI: 10.31510/inf.v18i2.1239. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1239>. Acesso em: 4 out. 2025.
- VIEIRA, Y. P. et al. Excessive use of social media by high school students in southern Brazil. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 40, p. e2020420, 2022.
- WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- ZANDONA, D. **“Interatividade” como linguagem das redes sociais na internet**: “diálogos” possíveis. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.22437.41445>. Acesso em: 3 out. 2025.